

# TRABALHO DOMICILIAR E O COTIDIANO DE MULHERES QUE COSTURAM SAPATOS EM CASA

Vilma de Oliveira Feliciano– Uni-FACEF  
Daniela Figueiredo de Ribeiro – Uni-FACEF

---

## 1 – Introdução

Trabalho, família e mercado passaram por grandes transformações nos últimos tempos, devido à presença maciça das mulheres no mercado de trabalho. Colocou-se sobre a mulher, um peso quádruplo, que é o trabalho remunerado, a organização do lar, criação dos filhos e a jornada noturna, em benefício do marido. Atualmente, o trabalho feminino tem sido considerado complemento do salário do marido, tendo que se ajustar ao trabalho doméstico. Logo, a mulher é um tipo de trabalhador aceito pela economia informal, já que se ajusta melhor às necessidades de sobrevivência e cuidado do ambiente doméstico. As mulheres sujeitam-se às condições ditadas pelo sistema patriarcal, tendo que compatibilizar trabalho e família. O regime patriarcal, que se caracteriza pela autoridade institucional do homem sobre a mulher e os filhos no âmbito familiar, permeia toda organização da sociedade, na produção, no consumo, na política, na legislação e na cultura. Mas este regime vem sendo questionado, uma vez que a mulher não cuida somente do lar, e, ao trazer contribuição financeira ao orçamento doméstico, ao menos abre espaço para que as divergências passem a ser discutidas. (CASTELLS 1999)

Do ponto de vista psicológico o que se observa atualmente na família, é a coexistência de paradoxos com sistema de valores, com a exigência de realização pessoal e relacional. Existe um modelo de família que é imposto como “correto”, causando conflitos e sentimentos de culpa pela impossibilidade de vivenciá-lo. Sendo a família sujeita às transformações ideológicas, pode-se

dizer que num movimento dialético, ela se transforma, transformando valores sociais, ao mesmo tempo em que estes determinam e transformam o modo de ser da família. Observa-se atualmente uma coexistência entre o moderno e o arcaico, ou seja, entre os padrões vigentes e aqueles recentemente valorizados por uma vanguarda cultural, mas difíceis de serem efetivamente vivenciados nas relações familiares. (RIBEIRO 2004)

Do ponto de vista sócio econômico Antunes (2004, p. 108) afirma que:

A expansão do trabalho feminino tem se verificado, sobretudo no trabalho mais precarizado, nos trabalhos em regime de part-time, marcados por uma informalidade ainda mais forte, com desníveis salariais ainda mais acentuados em relação aos homens, além de realizar jornadas prolongadas.

Este é o cenário atual do mundo do trabalho no Brasil, revelando profundas diferenças sociais. Sendo uma das maiores economias do planeta, porém tendo a quarta pior distribuição de renda no mundo. Revelando altos índices de desemprego, com 50% da população economicamente ativa trabalhando na economia informal, sem carteira registrada e sem as garantias básicas. Na economia informal encontramos grande número de pessoas trabalhando como camelôs, coletor de sucatas, prestadores de serviços de reparos e consertos, “fazendo bicos”, e sem a possibilidade de voltar ao mercado formal de trabalho. O processo de modernização, chamado de reestruturação produtiva, que se iniciou na década de 1990 e tem acontecido de forma acelerada, sendo decisivo para a situação das relações de trabalho vividas pelo Brasil atualmente. Estes trabalhadores através de suas relações com o mundo do trabalho estão produzindo formas diferenciadas de subjetivação. E do ponto de vista da psicologia, isso traz conseqüências sérias para a vida dos trabalhadores, gerando tensões, sofrimentos psíquicos e desorganizando toda estrutura de renda e familiar. (BOCK, 2003)

A indústria calçadista local, na década de 1980, passa a utilizar a mão de obra feminina em grande escala. Atualmente absorve de forma significativa esta força de trabalho barata e ao mesmo tempo especializada, que trouxe parte da produção fabril para dentro de suas casas. Estas se tornam oficinas, sendo chamadas popularmente de bancas de pesponto, que prestam serviços

à indústria de calçados local, realizando corte do couro, pespontos, costura e enfeites. (NAVARRO, 2003)

Barbosa e Mendes (2003, p. 65) afirmam que.

Na indústria do calçado, o que observamos (...) é que o espaço doméstico se modifica, transformando em muitos casos, em uma unidade produtiva (...), ampliando-se para os cantos mais variados da cidade e, influenciando não somente o aspecto da produção de calçado, mas sobretudo a maneira de viver (...). Em muitos casos, não se pode distinguir onde começa a oficina ou termina a casa.

É certo que o trabalho produtivo de mulheres é limitado por suas responsabilidades domésticas e familiares. Essas responsabilidades não são reconhecidas como trabalho por não produzir valor social. O excesso do mesmo, a desvalorização, leva ao adoecimento psíquico, isto é, ao aparecimento de Transtornos Mentais Comuns (TCM) em mulheres que realizam trabalhos domésticos. A TCM caracteriza-se por caracteriza-se por insônia, fadiga, irritabilidade, esquecimento, dificuldade de concentração e queixas somáticas (sofrimento mental). (Araújo, 2005).

Além de TCM essas mulheres convivem com outras doenças causadas pelo tipo de trabalho que realizam. Entre elas as Lesões por Esforços Repetitivos (LER), que são um conjunto de afecções relacionadas ao trabalho que acometem o sistema músculo-esquelético, e vêm sendo apontadas como um dos maiores problemas no campo da medicina do trabalho, e como problema de saúde pública em diversos países. Torna-se um grave problema social e de saúde pública, por atingirem uma camada da população no auge de sua produtividade, trabalhadores estes que ficam, muitas vezes, afastados por longos períodos e até mesmo incapacitados para o trabalho. O adoecimento traz enormes conseqüências para estes trabalhadores, como redução do poder aquisitivo. As LER atinge os trabalhadores independentemente de sua atividade, bastando que estejam presentes as condições ergonômicas e psicossociais a elas relacionadas.

O aumento de casos ocorre devido a fatores referentes à organização do trabalho tais como inflexibilidade e alta intensidade do ritmo de trabalho,

execução de grande quantidade de movimentos repetitivos em grande velocidade, ausência de controle sobre o modo e o ritmo de trabalho, ausência de pausas, uso de mobiliário e de equipamentos desconfortáveis.

A existência da LER impõe aos trabalhadores acometidos uma rotina de busca constante de tratamento, dificuldade de comprovar a doença, descrédito por parte dos familiares e amigos, incapacidade de continuar trabalhando e a perda da sua identidade como trabalhador, gerando o sofrimento mental. Além disso, a doença também incide negativamente limitando a capacidade de trabalho e a execução de tarefas simples, como atividades domésticas. (ALVES, 2004)

## **2 – Metodologia**

Tomou-se por base a abordagem qualitativa, que busca abranger a totalidade do problema investigado, visto em suas múltiplas dimensões. (MINAYO, 1996). Dentro desta perspectiva, foi adotada a abordagem etnográfica, que consiste em uma investigação sistemática do cotidiano, levando em conta seu contexto e sua dinâmica. O foco da investigação centrou-se na compreensão dos significados atribuídos pelos sujeitos às suas ações e suas interações recíprocas. Alguns desses significados são expressos pela linguagem, outros por meio de ações, que são usados para organização dos comportamentos, outros para dar sentido ao mundo em que vivem (ANDRÉ, 1995).

### **2.2 – Participantes**

Os participantes do atual estudo foram mulheres que possuem a fábrica dentro de suas residências. O número deverá ser o suficiente para permitir tanto a reincidência quanto à diversidade de informações, de modo que as semelhanças e as diferenças sejam apreendidas, e atinjam os critérios de profundidade e abrangência do tema, tal como é proposto por Minayo (1996). Foram realizadas Observações Participantes em 10 residências.

### **2.3 – Descrição da Coleta de Dados**

A coleta de dados aconteceu em duas etapas, descritas a seguir:

A) Fase exploratória ou descritiva, que foi realizada por meio de Observação Participante. Nesta fase fez-se visitas às casas onde funcionam bancas de pespontos, com objetivo de observar o cotidiano vivido pelas pessoas neste local. Foram observadas as tradições, costumes, e as ações de mulheres que trabalham nas residências, para apreender; as idéias, os motivos e os sentimentos das mulheres, buscando a forma com que compreendem a totalidade de suas vidas. Os dados obtidos foram registrados sistematicamente em diário de campo.

O grupo de pesquisa<sup>1</sup>, juntamente com a orientadora, visitou o bairro pela primeira vez no início do semestre, sendo apresentados à diretoria da Associação de Moradores pela assistente social responsável pelo trabalho técnico e social do bairro. Foi então apresentado aos moradores os projetos de pesquisa, as necessidades de cada pesquisadora em relação à entrada nas casas dos moradores que trabalham com calçados, a necessidade de se saber em que casas trabalhavam mulheres, crianças, aposentados e famílias, quais residências funcionavam bancas de pespontos, quais são casas que efetuam só costura manual. O grupo foi bem recebido, e eles se disponibilizaram a ajudar. Falaram da criação do bairro, com apenas três anos, das expectativas quando mudaram para suas próprias casas, e das dificuldades que foram descobrindo no dia a dia.

Um mês depois voltou-se ao bairro juntamente com a orientadora. O presidente e vice-presidente da Associação de Moradores aguardavam, e acompanharam o grupo para um primeiro contato com os moradores. Feito o primeiro contato, ficou marcado com os moradores o retorno para a semana seguinte, em horários previamente estabelecidos, para a realização da Observação Participante.

O número total de residências observadas foi de 10. O grupo de pesquisa visitou as casas em dias e horários diferentes com a finalidade de observar o cotidiano e as rotinas em sua totalidade, tudo devidamente registrado em diário de campo. Foram cinco visitas de uma hora em cada moradia, totalizando cinquenta horas de observação.

Após o período de observação foi gravada a história de vida de cada um dos trabalhadores observados, em relação ao trabalho com sapatos: Quando iniciou? Como aprendeu? O por quê de atuar nesta área? Quais as vantagens e desvantagens? Gosta do que faz? Quais os planos, projetos e sonhos?

Na semana da criança foi realizada uma manhã de lazer com as crianças, filhos das casas observadas, com a finalidade de manter uma maior aproximação com a população estudada. As crianças brincaram, ouviram um conto de fadas sobre um sapateiro e sua família, fizeram um teatro para representar a história e desenharam sobre ela.

Os dados coletados foram organizados em categorias, após sucessivas leituras. Em seguida, cada uma das pesquisadoras ficou responsável por uma categoria e, tendo acesso à categoria de todas, criou as subcategorias. Estas foram lidas, relidas, pensadas, analisadas e reformuladas pelo grupo.

B) Fase focalizada, realizada por meio de entrevistas individuais, semi-estruturadas, com cinco mulheres selecionadas na etapa anterior. As entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra para posterior análise.

A análise dos dados está sendo feita com a finalidade de “buscar uma apreensão de significados nas falas ou em outros comportamentos observados dos sujeitos, interligados ao contexto em que se inserem e delimitados pela abordagem conceitual do pesquisador, trazendo à tona, na redação, uma sistematização baseada na qualidade, (...)” (BIASOLI – ALVES, 1998, p.149).

A análise que está sendo realizada é segundo os moldes propostos por Bardin (1977). Os segmentos de relatos foram separados e classificados de acordo com seu conteúdo, depois de repetidas leituras das entrevistas. Buscou-se obter indicadores que permitiram a inferência do significado latente dos enunciados e dos fatores que determinaram as condições de produção das mensagens. Os dados, confrontados com o contexto mais amplo dos participantes da pesquisa e com o contexto de produção dos relatos.

### **3 – Resultados e Discussão**

#### **3.1 – Resultados relativos à fase exploratória da pesquisa: Observação Participante nas residências.**

O bairro onde foi realizada a pesquisa foi construído pela Caixa Econômica Federal e entregue em setembro de 2003, situando-se na periferia da cidade. São casas populares, ou seja, o modelo da casa é padrão, havendo o mesmo número de cômodos (cinco), o mesmo formato, e a metragem do terreno também é igual. Muitas casas já passaram por melhorias, e atualmente possuem muros ou grades na frente, calçadas, garagem e portão. As casas que ainda não foram reformadas possuem dois quartos, um banheiro, uma cozinha e o quintal. O bairro não possui igrejas, clubes, praças, postos de saúde, creches, centro comunitário ou escolas, não há farmácias, padarias ou casas lotéricas. Há coleta regular do lixo e a coleta de lixo reciclável (coleta seletiva) é feita por uma família numerosa e necessitada do bairro, como forma de aumentar a renda. O bairro não consta no mapa da cidade e muitos moradores não sabem da existência do mesmo. Ainda assim possui uma infraestrutura básica boa, como asfalto, saneamento básico, iluminação pública, transporte público e telefone público disponível aos moradores. Em termos de comércio, há um supermercado e uma mercearia. Os cultos ou missas são realizados em casas de moradores do bairro. Há uma biblioteca, na casa de um dos moradores, mantida pela esposa dele, que arrecada livros doados pela população. Em termos de lazer, a Associação de Moradores conseguiu, aos sábados, aulas de capoeira na rua para crianças, e uma escolinha de futebol (que funciona num campinho de terra improvisado), além de um grupo de teatro.

Nas casas observadas, onde se realiza costura manual<sup>ii</sup>, o trabalho é realizado usualmente nas salas, não existindo um espaço físico separado. O serviço de costura manual é realizado quase que exclusivamente por mulheres, que ficam sentadas em uma cadeira, ou no sofá com a TV ou o rádio ligados o tempo todo. A iluminação durante o dia é boa, não tendo necessidade de ficar com as luzes acesas. A circulação do ar também é boa, as portas e as janelas da sala ficam abertas durante o dia todo. Normalmente moram muitas pessoas nas casas, que são mobiliadas de forma simples, porém todas possuem aparelhos de TV, som, rádio.

Já as casas que são bancas de pesponto<sup>iii</sup> possuem um espaço separado devido à grande circulação de pessoas, não sendo necessário passar

por dentro da casa para ter acesso à banca, às vezes fica em um cômodo construído no fundo, sem muros para separar o ambiente da banca com o ambiente da casa. No geral as bancas possuem máquinas de costura todas enfileiradas; mesas paralelas às máquinas onde funcionários trabalham com a colagem de peças, e preparo dos “vaquetes”, que são peças de couro cortadas prontas para costura. Normalmente as cadeiras têm almofadas nos assentos e um pedaço de papelão improvisado no encosto para proteger o cabelo do funcionário da frente, quando a cola é aspergida por um pequeno compressor. Algumas bancas funcionam de forma totalmente clandestina, outras meio clandestinas.

Nas residências com costura manual os sapatos ficam jogados no chão, de um lado os que precisam ser costurados, de outro, os pares já costurados. A costura é feita com agulha especial e linha de couro, elas usam dedeiras de couro feitas por elas mesmas. Às vezes os sapatos são de couro duro, e não vêm furados, e elas precisam do auxílio de um aparelho, construído por elas mesmas, para ajudar a furar o couro e assim iniciar a costura, mas acabam furando os dedos sempre no mesmo lugar (apesar das dedeiras). Algumas vezes a linha de couro vem com sebo facilitando um pouco o deslizar da mesma. Outra dificuldade que acontece é quando mudam os modelos que estão habituados a fazerem, ou mudam o tipo de ponto a ser costurado, o que acaba atrasando muito o serviço. Duas vezes por dia, um homem que é responsável pela entrega e recolhimento do serviço passa nas casas, uma vez no período da manhã e outra vez no final da tarde. Este homem, também chamado banqueiro, não possui uma banca de pesponto. Ele pega o serviço na fábrica, distribui e recolhe nas residências, ficando com porcentagem maior do que é pago pelo serviço, e também com toda responsabilidade do material entregue a ele. Os sapatos que são deixados de manhã têm que ser entregues no final da tarde, e os do final da tarde são entregues no dia seguinte de manhã.

Nas residências observadas, que funcionam como bancas, não há intermediário, o dono da banca vai até a fábrica buscar e levar os sapatos, em horários predeterminados.

As mulheres, tanto da costura manual como da banca, em sua grande maioria possuem Ensino Fundamental incompleto, pois começaram trabalhar muito cedo neste ramo, tendo aprendido com os pais por volta dos nove, dez anos de idade. Algumas por necessidades financeiras, outras porque os pais julgavam ser “preferível trabalhar em casa do que ficar na rua aprendendo o que não precisa”, segundo as falas delas mesmas. Quando jovens, a maioria trabalhou em fábricas, retornando ao trabalho no lar por motivo de gravidez, ou nascimento dos filhos. Observou-se que, apesar da precariedade do trabalho nas residências, nove moradoras mencionaram preferir o trabalho em casa pela possibilidade de cuidar dos filhos, de participar da vida escolar deles, como ir as reuniões escolares e festas da escola; pela possibilidade de conhecer os professores e os amigos dos filhos; por ter a possibilidade de ajudar nos trabalhos escolares. Elas consideram seus trabalhos apenas como complementares a renda do marido, sendo sua função essencial a de cuidado dos filhos e da casa.

Os vizinhos têm um bom relacionamento, estão sempre indo à casa uns dos outros, para ajudar ou para conversar. Há muita solidariedade entre eles, pois emprestam as coisas uns aos outros, ajudam nos serviços domésticos, vão a reunião de pais na escola uns no lugar de outros. Ficam com os filhos umas das outras para que possam ir até a cidade. Revezam-se para buscar as crianças no ponto de ônibus. Opinam na vida uns dos outros, entram na casa do vizinho sem bater, ajudam a mexer a comida no fogão levam comida para o outro experimentar. Há também alguns conflitos resultantes destes relacionamentos como fofocas e discussões.

### **3.2 – Resultados e Discussão parcial das entrevistas**

ARAÚJO et al (2005) em seu artigo sobre a prevalência de transtornos mentais comuns em mulheres em relação ao trabalho doméstico relatam que o trabalho doméstico é um fator gerador de estresse por não possuir visibilidade social, por ser um tipo de atividade não aceita como trabalho, por não produzir valor social e por não ter reconhecimento pelo trabalho realizado. Além disso, a

organização do trabalho doméstico preserva o modelo de família tradicional, centrado como responsabilidade da mulher.

A mulher, mesmo após sua inserção no mercado de trabalho, permanece a principal responsável por planejar e executar as atividades domésticas, sem receber ajuda do companheiro ou dos filhos. As tarefas de cuidar e educar as crianças, cozinhar, lavar, passar, não deixam lugar para o lazer, acentuando o humor depressivo, a tensão, doenças psicossomáticas, perda de interesse pela vida e sentimento de inutilidade.

Estes aspectos podem ser percebidos nas entrevistas feitas com cinco mulheres que residem em um bairro periférico de Franca, e trabalham com costura manual de sapatos, ou possuem banca de pesponto. Estas mulheres, tanto da costura manual como da banca, em sua grande maioria possuem Ensino Fundamental incompleto, pois começaram trabalhar muito cedo neste ramo, tendo aprendido com os pais por volta dos nove, dez anos de idade. Algumas por necessidades financeiras, outras porque os pais julgavam ser “preferível trabalhar em casa a ficar na rua aprendendo o que não precisa”, segundo as falas delas mesmas. Quando jovens, a maioria trabalhou em fábricas, retornando ao trabalho no lar por motivo de gravidez, ou nascimento dos filhos. Todas as entrevistadas sonhavam ter estudado mais, ter uma vida melhor, um trabalho melhor, ganhar mais dinheiro. Para essas mulheres, o sonho de ter estudado mais e ter um trabalho melhor estavam agrupados com sonhos relacionados ao casamento, casa própria, um bom marido, filhos e condições para dar uma vida decente a eles.

Como ponto negativo de suas rotinas de trabalho domiciliar, duas entrevistadas consideram o fato de receber pouco e não ter salário fixo. Uma considera o fato de não ter tempo para si mesma e nem para os filhos. Outra considera o fato de não ter horários fixos para começar e para parar de trabalhar. Como Antunes (2004) afirma a inserção da mulher no mercado de trabalho faz parte do processo de emancipação parcial e o trabalho feminino é diferenciado em sua divisão social e sexual, sendo os salários e as condições de trabalho precarizados.

A respeito do significado do trabalho, uma das mulheres define trabalho como algo muito bom em sua vida. Três consideram o trabalho como pouco

gratificante, como um quebra galho, sendo que uma define como ruim. Uma delas define trabalho como algo que rende dinheiro, portanto serviço doméstico não é trabalho. Bock (2003), ao refletir sobre a economia informal, relata que há um grande número de pessoas trabalhando como camelôs, coletor de sucatas, prestadores de serviços de reparos e consertos, “fazendo bicos”, e sem a possibilidade de voltar ao mercado formal de trabalho. E percebemos nas entrevistas que elas trabalham na economia informal por falta de oportunidades ou possibilidades de voltar ao mercado formal.

Sobre o significado do trabalho remunerado dentro do lar, uma das mulheres considera que trabalhar em casa é bom pelo fato de não ter que pagar quem cuide do filho, e pela oportunidade de acompanhar o crescimento dele. Quatro entrevistadas gostariam de trabalhar fora de casa, trabalham em casa por falta de alternativa. As cinco mulheres consideram o trabalho fora de casa melhor pelo fato de ter horário fixo, ter benefícios, por ser mais valorizado, e pelo fato de não misturar o trabalho doméstico com o trabalho remunerado.

Nas LER há uma prevalência quanto ao gênero, sendo mulheres a maioria dos acometidos pela doença, pois elas são preferidas nos trabalhos secundários. Este tipo de serviço exige mais concentração, atenção, agilidade e precisão, Porém a repetição dos movimentos exige uma força maior do que a exigida nos trabalhos pesados, feitos por homens. Apesar das dores, elas continuam executando os mesmos serviços com a mesma intensidade, o que leva ao agravamento da lesão e a diminuição da produtividade. Em relação ao serviço doméstico elas continuam cuidando da casa, dos filhos, o que gera ao mesmo tempo mais sofrimento e sentimento de impotência. Além disso, o INSS as trata como se estivessem simulando doença. As explicações de psicólogos sugerem que a dor não existe de fato, é algo imaginário, psicossomático, simulação ou hipocondria. A perícia parece também ignorar o problema aumentando o desgaste e a angústia destas mulheres, que são obrigadas a provar a existência de suas dores para o serviço de saúde, para Previdência social e até para seus familiares. (NEVES (2006) e ALVES (2004)).

Isso pode ser comprovado nas entrevistas realizadas no atual estudo onde as cinco mulheres entrevistadas relataram ter algum tipo de doença resultante do trabalho que fazem. E duas especificamente têm tendinite nas

mãos e ombros. Uma não estava trabalhando com costura de sapato por ordens médicas e como não pagava INPS também não estava recebendo nada. Ela continuava executando os serviços domésticos e também estava recolhendo lixo reciclado nas ruas do bairro para conseguir ajudar o marido (que estava desempregado) a alimentar os nove filhos. A outra entrevistada apesar das dores, continuava trabalhando em seus afazeres domésticos e na costura manual de sapatos, por não poder ficar sem ganhar dinheiro. As outras sofriam com problemas de coluna e de circulação, por passarem até doze horas sentadas. Essas mulheres declararam não ter descanso nenhum, trabalhando direto.

#### **4 – Considerações finais**

Concluindo, a divisão sexual do trabalho ainda atribui a estas mulheres o cuidado com as crianças, a realização dos afazeres domésticos, um espaço de trabalho dominado pela informalidade, com jornadas exaustivas, sem nenhum benefício trabalhista, com rendimentos medíocres. Mas apesar disto, elas continuam nas frentes da batalha sonhando com o dia em que terão uma sociedade mais igualitária. Ainda assim mostram alegria, simpatia, generosidade e solidariedade, aguardando o processo lento e contraditório das mudanças culturais.

#### **5- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALVES, Natália Cristina Ribeiro. ***Corpos entre Saúde e Trabalho: A construção sociopolítica da LER como doença.*** Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Sociologia do Departamento de Sociologia e Antropologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2004.

ANDRÉ, M. E. D. A. ***Etnografia da prática escolar.*** São Paulo: Papyrus, 1994.

ANTUNES, Ricardo. A classe que vive do trabalho. In **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo, Boitempo, 2003

ARAUJO, Tânia Maria de, PINHO, Paloma de Souza; ALMEIDA, Maura Maria Guimarães de. Prevalência de transtornos mentais comuns em mulheres e sua relação com as características sociodemográficas e o trabalho doméstico. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**. Vol.5 nº 3 Recife July/Sept.2005

BARBOSA, Agnaldo de Souza e MENDES, Alexandre Marques. Capital, Trabalho e Formação da Classe na Indústria de Calçado. In **Políticas e Sociedade**. Revista do Mestrado Acadêmico em Políticas Públicas e Sociedade da Universidade Estadual do Ceará. Vol. 1, nº 5, Jan/Jun./2003.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BIASOLI-ALVES, Zélia M. A pesquisa psicológica – análise de métodos e estratégias na construção de um conhecimento que se pretende científico. In: Romanelli, G.; Biasoli-Alves, Z. M. M. (org) **Diálogos Metodológicos sobre Prática de Pesquisa**. Ribeirão Preto: Legis Summa, p. 135-157, 1998.

BOCK, Ana Mercês Bahia. **A perspectiva sócio-histórica na formação em psicologia**. São Paulo: Vozes, 2004

CASTELLS, Manuel. O fim do patriarcalismo: movimentos sociais, família e sexualidade na era da informação. In: **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento, metodologia qualitativa em saúde**. Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco. 1996.

NAVARRO, Vera Lúcia. O trabalho e a saúde do trabalhador na indústria de calçado São Paulo: **Pespec. [online]**. Abr/jun.2003, vol. 17, nº 2 ( citado 20 julho 2005), p.32 –41. Disponível na World Wide Web: <http://www.scielo.php?script=sciartex&pial>

NEVES, Ilídio Roda. LER: trabalho, exclusão, dor, sofrimento e relação de gênero. Um estudo com trabalhadoras atendidas num serviço público de saúde. **Cadernos de Saúde Pública**. Vol.22 nº. 6 Rio de Janeiro June 2006.

RIBEIRO, Daniela de Figueiredo. **Os bastidores da relação família-escola**. Tese de doutorado apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto / USP – Departamento de Psicologia e Educação. Ribeirão Preto, 200

---

<sup>i</sup> Grupo de Pesquisa formado por 09 alunas do curso de Psicologia filiadas NEIC - Núcleo Interdisciplinar de Estudos Sobre Indústria e a Cadeia Produtiva Calçadista, financiado pelo Programa de Apoio a Jovens Pesquisadores em Centros Emergentes da FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo). Cada aluna, pesquisando temas diferentes, dentro do mesmo contexto.

<sup>ii</sup> Sete das dez casas observadas

<sup>iii</sup> Três das dez casas observadas